

Mollens (CH), 16 de agosto de 1984

Amar a própria cruz¹

Caros amigos,

Gostaria de rever com vocês a possibilidade de fazer da nossa vida uma divina aventura.

Por que volto a falar deste assunto? Porque considero o assunto de grande importância e principalmente porque, juntamente com as primeiras focolarinas e os primeiros focolarinos – que com a graça de Deus se esforçaram por viver assim desde os primeiros anos do Movimento – eu posso testemunhar sobre os extraordinários resultados que podemos atingir, quando nos abandonamos completamente a Deus e deixamos que Ele nos indique, dia após dia, quais os passos que devemos dar a fim de cumprirmos seu desígnio de amor sobre cada um de nós.

Para nós a aventura divina teve o seguinte resultado: ver surgir no mundo uma Obra de Deus, nova, original, moderna, atualíssima, que lançava as suas raízes profundas no terreno da Igreja e, com o correr dos anos, admirá-la estendendo os seus ramos até os últimos confins da terra.

Imaginemos, portanto, se cada homem – mesmo na diversidade dos vários projetos que Deus tem para cada pessoa – se esforçasse por deixar a Deus a iniciativa de desenvolver o programa de sua própria vida! Com certeza a face da Terra se modificaria em pouco tempo.

Esses pensamentos deveriam levar cada um de nós a não falhar no nosso empenho pessoal, e para que isso se verifique, vejamos mais uma vez o que devemos fazer para que a vida que nos resta se transforme numa divina aventura.

"Tudo concorre para o bem". Portanto, podemos entender que tudo tem a mesma finalidade: o bem. "Tudo concorre para o bem, (mas) para aqueles que amam a Deus". Amar a Deus! Todos nós, certamente, queremos amá-Lo. Mas quando podemos ter a certeza de que o amamos? Não apenas quando damos a Ele o nosso coração, num período em que tudo corre bem, porque assim é fácil, é bonito, porque isso poderia ser também resultado de entusiasmo ou uma mistura de interesses pessoais, de amor próprio e não de amor a Ele.

Podemos ter a certeza de que O amamos, quando O amamos também nas adversidades, ou melhor ainda, quando, para garantir a autenticidade do amor, nós decidimos preferi-Lo justamente em tudo aquilo que nos magoa. Amar a Deus na contrariedade, nas dores, é sempre amor verdadeiro e seguro. Para nós, este amor é expresso com as palavras "amar Jesus Crucificado e Abandonado".

Fazer da vida uma divina aventura, ter a certeza de que tudo na nossa vida passada, presente e futura é matéria-prima para que se cumpra o desígnio de Deus sobre cada um de nós, exige uma nova opção por Jesus Abandonado.

Mas qual é a cruz, qual o Jesus Abandonado que devemos desejar amar, que devemos amar?

Não, certamente, uma cruz genérica. Não uma cruz fruto da fantasia da nossa mente sonhadora, como por exemplo, o martírio, que talvez nunca mais aconteça.

Jesus diz, para quem queira segui-Lo: "Quem quiser vir após mim, tome a sua cruz" (Lc 9,23). A sua! Portanto, cada um deve amar a sua própria cruz, o seu Jesus Abandonado. Quando Jesus, num ímpeto de amor em um certo momento da nossa história, apresentou-se à nossa alma e nos pediu que o seguissemos, que o escolhêssemos, Ele não tinha a intenção de manifestar-se de modo vago a cada um de nós, mas de um modo bem preciso. Pedia-nos que o abraçássemos naquelas dores, naquele mal-estar, naquelas doenças, naquelas tentações, naquelas determinadas situações, naquelas pessoas, naquelas obrigações pessoais, de modo que pudéssemos dizer: "esta é a minha cruz". Porque cada um de nós tem o seu Jesus Abandonado, que não é o do irmão nem de todos os outros irmãos, mas é justamente o seu próprio.

E se soubermos identificar o amor de Deus por nós, que está escondido sob a trama dos muitos sofrimentos pessoais, isto será uma experiência maravilhosa, que nos levará a afeiçoarmo-nos a este nosso Jesus Abandonado, a abraçá-Lo como faziam os santos, a esperar por Ele, para vê-Lo transfigurado em nós, por uma ressurreição inteiramente nossa, porque Jesus em mim é muito diferente do Jesus no meu irmão.

O que fazer então? Não percamos tempo. Façamos um pequeno exame da nossa situação pessoal e decidamo-nos, com a ajuda de Deus, a dizer sim a tudo aquilo a que teríamos vontade de dizer não, mas que sabemos ser vontade de Deus. Se assim fizermos, tudo terá um significado profundo. Às vezes seremos como o grão de trigo que, por saber morrer, verá florescer a espiga. Às vezes seremos como um ramo que, deixando-se podar, produzirá frutos de primeira qualidade.

Levantemo-nos pela manhã com este propósito no coração: "hoje quero viver somente para amar o meu Jesus Abandonado".

E tudo estará resolvido. O Ressuscitado viverá em cada um de nós e entre nós e abrirá para a sua Obra novos horizontes, para a sua glória e para a glória de Maria, para aqueles objetivos que o Céu conhece totalmente e que, pelo que podemos intuir, são a nossa felicidade já aqui na terra.

Chiara Lubich

¹ Texto publicado.